



Director literario:

*António de Almeida*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Luís de Almeida*  
PAPUSSE

# A S F A D A S

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES — Desenhos de EDUARDO MALTA

**N**A praia, áquela hora matutina, as ondas quebravam-se de encontro aos rochedos, deixando no areal um vasto lençol da cor da lua, que logo se sumia para vir outra onda, mais caprichosa, estender o seu lençol. Pareciam apostadas as ondas, naquela noite, a ver qual estendia na praia o seu mais lindo manto.

Quem espriaiasse a vista pelo mar, além, divisava o espectáculo mais maravilhoso que se tem visto. Um grupo de meninas, dançavam à superfície das águas!

Um pouco distante do grupo, via-se uma menina, de varinha na mão, dirigindo aquela dança maravilhosa. De repente, a um sinal da directora, a dança parou, desaparecendo as dançarinas em voltas numa vaga altaneira que se desfez em espuma. Só aquela que dirigia a dança, ali ficou à superfície das águas um pouco agitadas.

— Minha mãe, minha mãe, depressa, vamos embora! dizia uma pequenita que se encontrava na praia áquela hora com sua mãe, que a tinha levado ali para tomar os ares do mar que o médico lhe tinha receitado. Não podiam ir de dia porque não tinham que vestir. Eram pobres envergonhados, e aquela praia era muito bem frequentada).

Depressa, venha depressa, minha mãe, tenho medo.

— Medo, de quê?

— Então a mãe não vê ali, no mar, uma coisa branca avançar para terra?

— Não, não vejo.

— Ai, minha mãezinha! Tenho medo; olhe bem, está já muito perto, é uma menina que traz uma varinha na mão!

— Tu deliras, minha filha?!

A pequenita correu pelo areal, cheia de medo, e sua mãe muito assustada, aflita, gritava:

— Mafalda, não corras, não é nada! Vem cá, Mafalda!...



A pequenita Mafalda não voltou, e sua mãe perdeu-a de vista na sombra negra da noite.

Voltou a casa, julgando ir encontrar sua filha já deitada, de cabecita debaixo da roupa com medo da menina que dizia ter visto no mar.

A mãe, a pobre viuva do pescador que morrera no mar ainda havia poucos dias, não viu sua filha em casa, e chorou, chorou muito. Minha filha, minha querida filha, o mar levou-te, como levou o teu pai! Oh! Deus, levai-me, também, que eu nada faço por cá! E assim, a chorar, acordou a sua vizinha do lado que veio logo a ver do que se tratava.

— Foi o mar, foram as ondas malditas que levaram a minha filha, a minha santa Mafalda! E a vizinha correu, como louca, a chamar a gente do mar, para que fossem à procura da pequena desaparecida.

Lançaram barcos ao mar, e toda a noite levaram aqueles rapazes, corajosos, lutando com as ondas nos seus frágeis barquinhos, sem encontrarem a pobre pequenita.

(Continúa na página seguinte)

— A mãe desolada, doida de dor, pela perda da sua única companhia, chorava constantemente a sua linda Mafalda.

Uma noite, quando rezava aos pés de um Cristo pregado na cruz, pedindo em oração fervorosa que a levasse para o outro mundo, para ao pé de seu marido e da sua



querida filha, ouviu baterem-lhe à porta. Foi a ver quem era e, lá de dentro, perguntou:

— «Quem é?»

— «Uma pobresinha que lhe pede agasalho; está tanto frio, e eu não tenho onde me deitar senão no chão».

A mãe de Mafalda, abriu a porta e mandou entrar a pobresinha que lhe agradeceu muito a bondade do seu coração. Depois de ter tomado um pouco de café bem quente, a dona da casa convidou-a a entrar para um pequeno quarto, e disse-lhe: — «Agora durma descansada, até de manhã, nessa caminha que era a da minha pequenita que o mar levou!»

— Que diz a Senhora? Ah!... Sim, bem sei, a pequenita que o mar levou, aquela por quem rezava quando eu bati à porta?! Bem sei, bem sei.

— O quê, a senhora sabe?...

— Sim, sei. A pequena não morreu.

— Morreu, morreu tal qual como morreu seu pai!

— Eu lhe digo, não morreu. Sua filha foi levada para as profundezas do mar pela fada «Viviana» pela rainha das fadas; sua filha vive, e é muito feliz.

— Eu não posso acreditar que viva a minha Mafalda.

— Sou eu, a sua Mafalda, está aqui disfarçada de pobresinha para que não a conhecesse logo de entrada; vim para sossegar a minha mãesinha. Eu sabia que se frias muito e pedi a «Viviana» que me deixasse vir ver-te.

— Mas a senhora não é a minha filha!

— Sim, sou tua filha, vou mostrar-me à tua vista tal como quando me perdeste naquela noite, na praia. E então o seu vestido lhe caiu aos pés, e se apresentou como na noite que a mãe a perdera.

A mãe reconheceu-a logo e agarrou-se à filha a chorar muito, a chorar de alegria e de comoção.

Não queria que a filha se retirasse; queria que ficasse ali em casa, porque não podia viver sem ela.

— «Não, minha mãesinha, não posso aqui ficar; tenho uma missão a cumprir. Já sabe que vivo e sou muito feliz. Sou a fada Mafalda que vive nas profundezas do mar, nas mais recônditas grutas!» Dizendo isto, transformouse à vista de sua mãe, na linda fada que era. E prosseguiu:

— «Somos nós as fadas que confeccionamos tudo, quanto, no céu, os anjos precisam. Os mais lindos mantos de Nossa Senhora, são feitos por nós. As fadas produzem mais que todas as almas femininas do Universo. Tudo, quanto das nossas mãos sai, fica muito lindo. Por isso se

diz quando alguma pecadora se especialisa em qualquer arte; tem lindas mãos de fada.

A mãe de Mafalda, não cabia em si, de contente. Tinha ali, sua filha abraçada, sua filha que julgava ter sido, há cinco anos, devorada pelas ondas do mar, como foi devorado o seu pobre marido, no mar alto, quando pescava.

— «Agora, minha mãesinha, vou-me embora».

— «E quando voltas?»

— «Dez anos são precisos para acabar o meu fadário. Depois, é necessário que não digas a pessoa alguma que tua filha vive, que a viste, que é fada ou qualquer coisa semelhante, pois não pode ser divulgada por nós a nossa vida senão aos nossos. Ai da fada que tenha a infelicidade de sua mãe contar a sua vida. Nunca mais verá pessoa de família e sofrerá muito o resto da sua vida. Agora já sabes, minha mãesinha, as penas em que incorre tua filha, se contares alguma coisa a alguém.»

— «Não, meu amor, não direi nada, mas tu vem ver-me uma vez por outra, sim?!»

— «Sim; eu virei sempre, que venha à terra em missão de caridade, como agora. E adeus, minha mãesinha, toma lá isto para que vivas feliz até ao dia do meu regresso.» Mafalda retirou-se depois de abraçar e beijar muito sua mãe, que chorava por ter que deixar sua filha tão depressa. Mafalda deixou-lhe um saquinho cheio de moedas de ouro.

A mãe da linda fada veio à porta dizer adeus à filha, e não mais a viu.

Passaram alguns anos sem a mãe de Mafalda ter notícias da filha.

Rezando, rezando sempre, conseguiu que lhe aparecesse, outra noite, a filha, a sua linda Mafalda. Vinha mais linda que da outra vez. Trazia o mais lindo vestido de fada, que possa imaginar-se, e estava muito mais crescida, e que não admira, por já terem decorrido cinco anos. E desta vez, Mafalda, assim à mãe falou: — «Minha mãe, eu era a fada mais estimada pela Rainha Viviana. As outras



fadas, mordidas de inveja, perseguem-me, querem que Viviana me retire a sua confiança, e conseguem o seu fim. Viviana já me não olha como olhava, já até me havia retirado os mantos de Nossa Senhora para eu bordar mas, por felicidade minha, eu era a que mais habilidade tinha, e os mantos voltaram a ser por mim bordados porque as outras não os deixavam tão lindos como eu.

(Continúa no próximo número)

# AS ROSAS

## DE NÂNÁ

Por GRACIETTE ALVES  
:: DA SILVA BRANCO ::

:: :: (AMIGUINHA) :: ::

(AO PÁPIM)



**E**RA uma vez um rei  
Já duma certa idade...  
(Meninos: eu não sei  
se isto será verdade...)  
Linda história que a avó  
me contava ao serão...  
hoje, lastimo, só,  
senti-la como pé  
viver no coração...)

...Era velhinho o rei!...  
Pousava-lhe na fronte  
um manto de luar...  
e quando, no horizonte,  
o Sol ia expirar,  
a sua humilde grei  
vinha-lhe os pés beijar!...

\* \* \*

Ora, tinha este rei  
uma filha ideal!...  
Tão pura, que eu pensei  
(quando a avó me contou)  
que fosse ouro de lei  
a trança divinal  
com que Deus a dotou...  
Olhos verdes — dois mares,  
mas feitos d'água doce...  
os dentes, dois colares  
de pedras singulares,  
que algum anjo lhe trouxe...  
Chamava-se Nâná,  
e era louca por rosas...

\* \* \*

Um dia, o Sol nasceu com faces lacrimosas,  
aos ais, a suspirar, num pálido arrebol...  
Ficou tudo a pensar,  
que mágua, que pesar,  
andaria por lá  
no coração do Sol!...

Nâná desde manhã  
que andava a colher rosas...

O pai, que a estremecia,  
olhava-a, e sorria,  
sem saber entender  
que diferença havia  
na rosa que colhia,  
das que andava a colher...

Disse-lhe a filha então:  
— « Mea pai: quando eu morrer  
quero que o meu caixão  
e o campo onde eu ficar  
se venham adornar  
de rosas sem igual...  
E que, quem passe ao pé  
da minha sepultura,  
— (extático de té) —  
murrure com brandura!  
— « Que lindo roseiral! » — »

Mandou-a o pai calar,  
— « Morrer?! Quem pensa em tal?! »  
— calara-se ela já...  
— A morte, então, chegou,  
e, à branca luz do luar,  
silêncio e dor reinou...  
— Rinara-se a Nâná!...

\* \* \*

Vestiu de luto o reino, tristemente!  
Dobraram sinos num chorar plangente!

E para que a Nâná não fosse sem ninguém,  
o pai, morreu de dor! Lá foi! Lá foi também...

(Continúa na página 6)



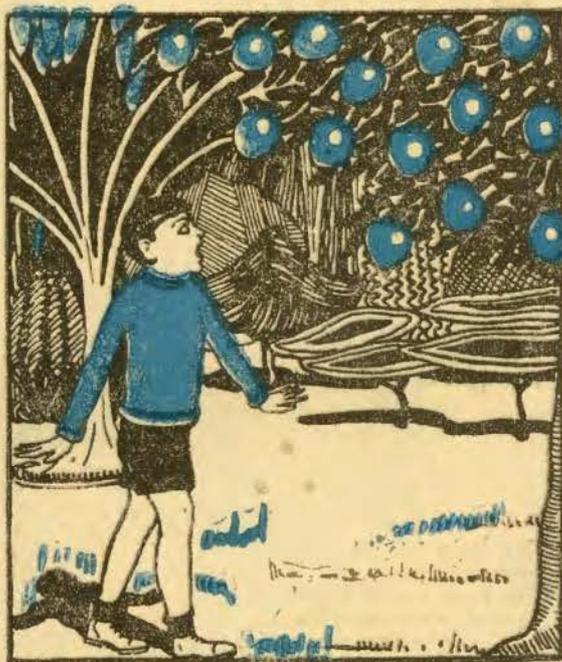
# EL-REI DOM CARACOL

Conto e desenhos de EDUARDO MALTA

**O** menino Neca e a menina Zeca, eram dois irmãos muito amigos, que viviam com seus pais numa certa cidade, aonde desapareciam pessoas, todos os dias, que nunca mais se viam.

Certo dia, os papás dos meninos, desapareceram. O Neca e a Zeca, como não tinham mais família e os amigos todos também já tinham desaparecido, depois de chorarem noites e dias a fio, combinaram ir correr mundo.

Como gostavam muito de ver coisas que nunca tivessem visto, caminhavam sem descanso. Às vezes, a cair de sono, dormiam uns minutos em pé e logo continuavam de caminho. Ao fim de três anos, olhando sempre estrada e cidades quasi iguaes, chegaram ao cimo de um certo monte aonde, pela primeira vez, abriram de espanto os seus olhinhos. Em baixo, no vale, havia um enorme e lindissimo jardim, extranho de formas e maravilhoso de cores. Desceram a correr, alvorocados, o monte. O espanto ia crescendo conforme caminhavam adentro do jardim. Viram árvores que pareciam fogo de artificio, frutos de



todos as cores e doutras que não existem, plantas que cresciam, secavam e desapareciam num minuto. Havia vozes, pelo ar, falando suavíssimas línguas, mas que os meninos não entendiam. De momento para momento, o espanto era maior, pois quanto mais caminhavam no jardim mais coisas maravilhosas apareciam: — árvores que andavam, flores que voavam e plantas que mudavam de cor e de feitio.

A certa altura, o Neca e a Zeca cansados de tantas surpresas e de terem andado tanto, começaram a sentir muita fome. Então, procuraram sem descanso uma árvore de fruto e foram encontrar uma, muito linda, com folhas pretas e frutos azues, da cor do céu. A Zeca, muito alegre, foi a correr para a árvore, pôs-se nos bicos dos pés, estendeu os braços, e, quando chegou com os dedinhos ao fruto para o cortar, desapareceu. Ouviu-se uma gargalhada muito longe e na árvore nasceu um novo fruto. O Neca, aflito, chamou pela Zeca em altos berros, e os berros não se ouviram. Como doido, começou a correr pelo jardim, a procurar, a chamar, a gritar, mas não encontrou nada. Quando já não tinha forças, sentou-se numa



# Continuação da Poesia «As Rosas de Náná»

Muito tempo passou.  
Náná, no Céu ficou  
para sempre a dormir...  
Mas houve alguém, que um dia,  
em triste romaria  
à campa tentou ir...

— Mistério!!...! Que será?!  
A campa da Náná,  
ninguém jamais a viu!  
— Um lindo roseiral,  
singelo virginal,  
de rosas a cobriu...  
E a lenda brotou lá,  
nas almas piedosas,  
que a alma da Náná,

do Céu descera cá,  
num hábito de rosas...

\* \* \*

— A narração findei...  
... Náná, filha de rei,  
inspira-me saudade!!...!

Porém,  
atendam bem:  
— Meninos eu não sei  
se isto será verdade...!  
Linda história que a avó  
me contava ao serão...  
hoje lastimo, só,  
senti-la como pó  
viver no coração...!

## F I M

### Colaboração infantil

2.<sup>a</sup> Menção honrosa

*do templo de São Francisco*

*Adoração a Santa Rita*



*Maria da Piedade, Malta,  
Com 12 anos de idade  
Lombal*

## A D I V I N H A S

1

Qual o jornal que, tirando-se-lhe' uma sílaba, do longe  
faz perto?

2

Qual o bicho que tirando-se-lhe uma letra é a alegria  
dos avarentos?

Decifração das anteriores:

1 — Menina dos olhos.  
2 — C6-c6-r6-co.

## C ó - c ó - r ó - c ó

É o II VOLUME da Biblioteca Pim-Pam-Pum!  
com lindíssimos contes de

**AUGUSTO DE SANTA-RITA**  
Ilustrados por **EDUARDO MALTA**

Pedidos à Administração de «O SECULO»

# HORA do RECREIO

## MOBILIA PARA BONECAS

Meus amiguinhos:

Há já muito tempo, um dos vossos «primos» lembrou a ideia de fazer uma mobília completa, com caixas de fósforos e papelão.

Apesar de já ser um assunto muito conhecido, não quero deixar de os satisfazer, começando pelos móveis mais fáceis.

Uma secretária e dois «maples».

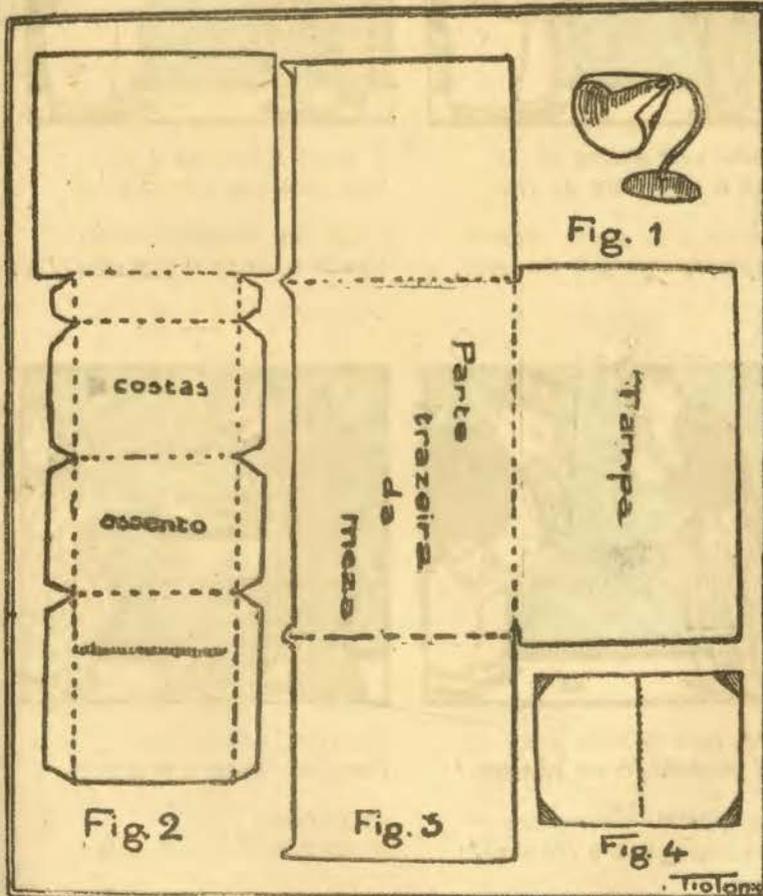
### MATERIAIS

11 caixas de fósforos, papel fino, de cor escura ou papel de cor, forte.

Cola, etc., etc.,

— Para fazer a secretária, colam-se dois grupos de 3 caixas, que formam os lados.

Ao meio, cola-se uma outra caixa apertando bem para não torcerem.



Faz-se com papelão ou papel grosso, uma peça do feitio que a figura 3 indica. Não esquecer os pés!!

Não vão marcadas as dimensões, por ser muito variável o tamanho das caixas.

Com umas contas de vidro, cosidas com linha, ou com pedacinhos de papel colado, fazem-se os puxadores das gavetas.

Sobre a secretária podem pôr, querendo, uma pasta (fig. 4), um «abat-jour», (com um botão de madeira, um papel de seda, colorido, um pedaço de gancho de cabelo, no qual se espetá uma ervilha seca ou uma bolinha de estearina a imitar uma lampada) e uma jarra de flores.

— Os «maples» são feitos com duas caixas, ao alto à parte de traz das quais se cola o lado mais largo do papelão da fig. 2, deixando secar.

Depois de seco, vai-se dobrando para dentro e colando, convenientemente, até dar a volta completa.

Perceberam? E mais nada.

O que querem a seguir?

Amigo de sempre

TIOTÓNIO

Rua do Século, 43 — LISBOA.

# IMPREVISTO



*Certo dia o «sôr» Roberto,  
Que era muito, muito esperto,*

*Encontrou Zé Manipanso,  
Que era muito, muito tanso;*



*«Sôr» Roberto, delicado,  
Pediu-lhe lume emprestado.*

*Manipanso, toleirão,  
Respondeu logo que não;*



*Porque, ao mais pequeno abano,  
Ia-se a cinza ao Havano.*

*Volve o outro, de escarninho:  
—Eu espero um momentinho;*



*Deve estar por um minuto!  
E ria com ar arguto!*

*Manipanso, toleirão,  
Torna logo:— que ilusão!...*



*Charuto de marca assim,  
Leva a cinza até ao fim!*

*Com ares de muito esperto,  
Responde agora o Roberto,*



*A custo contendo o riso:  
Espero o que for preciso!*

*E eis que francamente ri,  
Vendo a cinza a dar-de-si!...*



*Mas, entretanto—ai Jesus!—  
Tomba a cinza:—catrapus!...*

*Roberto, com modos sábios,  
Põe o cigarro nos lábios...*



*E já, com ar resoluto,  
Vai encostá-lo ao charuto!*

*Mas ó triste desengano—  
Lá se apagara o Havano!*



*Meninos, reparai nisto,  
Deve ser sempre previsto,*

*Pêlo visto,  
O caso mais imprevisto!*